



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

IVANILDO PEREIRA MARIANO

**EVASÃO ESCOLAR NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO:
UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRINHO-PB**

**Campina Grande – PB
2015**

IVANILDO PEREIRA MARIANO

**EVASÃO ESCOLAR NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO: UM
ESTUDO NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRINHO-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Departamento de
Educação de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB, como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre

Campina Grande – PB
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M333e Mariano, Ivanildo Pereira.
Evasão escolar no Programa Brasil Alfabetizado [manuscrito]
: um estudo no município de Juazeirinho - PB / Ivanildo Pereira
Mariano. - 2015.
41 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre, Departamento
de Educação".

"Colaboração: Maria Célia de Assis ", Luciana Maria de
Souza Macedo
1. Evasão escolar. 2. Alfabetização. 3. Programa Brasil
Alfabetizado. I. Título.

21. ed. CDD 371.291 3

IVANILDO PEREIRA MARIANO

**EVASÃO ESCOLAR NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO:
UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRINHO-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 21/05 / 2015.

BANCA EXAMINADORA

Eduardo Gomes Onofre
Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre / UEPB
(Orientador)

NOTA: 9,5

Maria Célia de Assis
Profª. Dra. Maria Célia de Assis / UEPB
(Examinadora)

NOTA: 9,5

Luciana Maria de Souza Macedo
Profª. Esp. Luciana Maria de Souza Macedo /URCA
(Examinadora)

NOTA: 9,5

MÉDIA: 9,5

CAMPINA GRANDE-PB
2015

*Um carinho especial a minha mãe e meus irmãos,
que me deram muita força para finalizar o meu curso
de Pedagogia e que sempre estiveram presentes
nas horas mais difíceis, dando força e atenção.*

*A minha noiva, que surgiu na minha vida
dando sentido e alegria por ser uma pessoa especial.*

Amo todos vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Jeová Deus, grandioso criador do céu e da terra, pelo dom da vida, que me concedeu a oportunidade de construir a minha história na universidade e obter conhecimento acadêmico.

A minha querida mãe, Ritinha, joia preciosa que tanto prezo, por me ter dado motivação, força e incentivo nas horas difíceis de desânimo e cansaço. Como também pelo amor e carinho que me demonstrou em todo o meu percurso na Academia, e por ter compreendido a minha ausência, quando por qualquer motivo não pude atendê-la.

Aos meus irmãos, Iranildo, Ivanaldo, e irmãs, Irineiz, Irenice, Irenilda e Irineide, por terem me apoiado quando eu mais precisava, fazendo com que eu não desistisse deste sonho realizado.

À minha noiva, Fátima Cândido, por ter me amparado em épocas complicadas e me fornecido orientações para superar as dificuldades na realização desta pesquisa.

À Instituição, pelo ambiente criativo e amigável que proporciona.

Ao meu professor orientador Eduardo Onofre, por sua paciência e confiança, que me ajudou bastante na conclusão deste trabalho.

Como também não poderia esquecer de agradecer a minha entusiasmada turma de Pedagogia 2011.2, professores e amigos que fizeram parte da minha formação profissional.

A todos vocês, os meus sinceros agradecimentos por fazerem parte integrante da minha formação acadêmica.

Muito obrigado!

*Quem mora no lugar secreto do
Altíssimo
Encontrará abrigo na sombra do Todo
Poderoso.
Vou dizer a Jeová: Tu és meu refúgio e
minha fortaleza (Salmos 91: 1, 2).*

RESUMO

O presente trabalho é o resultado de um estudo sobre evasão escolar no Programa Brasil Alfabetizado (PBA) no município de Juazeirinho-PB. Dessa forma, o referido estudo tem como objetivo principal investigar as principais causas que levam os alfabetizandos ao abandono escolar, como também, analisar e compreender a realidade socioeconômica de cada educando participante desta investigação. A pesquisa foi de cunho qualitativo. Utilizei como instrumento metodológico uma entrevista semiestruturada com sete alunos matriculados no Programa Brasil Alfabetizado do referido município. A etapa de campo foi realizada no mês de novembro de 2014. Os resultados indicaram que a necessidade de trabalhar, a desmotivação quanto ao Programa Brasil Alfabetizado e os problemas de saúde são os principais fatores que levaram os entrevistados a abandonar o programa. Diante desse contexto, concluo que se necessita um aprimoramento na formação inicial e continua dos alfabetizadores, para que eles possam corresponder adequadamente às necessidades educacionais dos alfabetizandos, assim como a utilização de materiais pedagógicos adaptados à realidade dos aprendizes.

PALAVRAS-CHAVE: Evasão Escolar. Alfabetização. Programa Brasil Alfabetizado.

ABSTRACT

This paper results from a study on truancy in Literate Brazil Program, especially in Juazeirinho (Paraíba, Brazil). Thus, this study aims to investigate the main causes which lead learners to give up from school, as well as analyze and understand each student's socio-economic reality, considering those who took part in this research. This research has a qualitative nature. I used as a methodological tool a semi-structured interview with seven students enrolled in Literate Brazil Program of the previously mentioned Brazilian municipality. The field stage was conducted in November 2014. Results indicate that the major factors responsible for truancy when it comes to the studied reality were work needs, discouragement about Literate Brazil Program and health problems. In this context, I conclude that improvements in literacy teachers' initial and continuing training are urgent, so that they can adequately meet learners' educational needs. Besides, they will make a better use of teaching material adapted to the students' reality.

KEYWORDS: School Evasion. Literacy. Literate Brazil Program.

LISTA DE SIGLAS

| | |
|---------------|--|
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| LIBRAS | Língua Brasileira de Sinais |
| MEC | Ministério da Educação e Cultura |
| MOBRAL | Movimento Brasileiro de Alfabetização |
| MOVA | Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos |
| PAS | Programa Alfabetização Solidária |
| PBA | Programa Brasil Alfabetizado |
| RAAAB | Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil |
| PIBIC | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica |
| SAEB | Sistema de Avaliação da Educação Básica |
| URCA | Universidade Regional do Cariri |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS | 14 |
| 2.1 O Programa Brasil Alfabetizado na cidade de Juazeirinho-PB e a problemática da evasão..... | 16 |
| 3 METODOLOGIA | 28 |
| 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 30 |
| 4.1 Perfil dos entrevistados..... | 30 |
| 4.2 No processo de escolarização..... | 30 |
| 4.3 A evasão no programa social “Brasil Alfabetizado” | 31 |
| 4.4 As barreiras para se retornar aos “bancos da escola”..... | 33 |
| 4.5 A importância da escola..... | 35 |
| 4.6 Recomendações para o Programa Brasil Alfabetizado..... | 36 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| REFERÊNCIAS | 39 |
| APÊNDICES | 41 |
| APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA COM ALFABETIZANDO DO PBA | 41 |

INTRODUÇÃO

É do conhecimento geral que o Programa Brasil Alfabetizado (doravante PBA) sofre grandes problemas para manter os alfabetizandos na escola até o final da etapa. Ao longo da experiência no campo da alfabetização, vem acompanhando toda esta problemática, desde que foi selecionado em 2011.2 para atuar como alfabetizador no programa. Porém, a experiência de estar atuando na educação me proporcionou um grande conhecimento no processo de alfabetização, visto que teve a oportunidade de utilizar o método de Paulo Freire com as palavras geradoras, que desenvolveu a aprendizagem dos alfabetizandos. Não obstante, refletimos acerca da necessidade de cada um deles, pois os alunos têm formas diversas de aprendizagens.

Contudo, durante o percurso do programa, presenciamos as dificuldades dos alfabetizandos em permanecer em aula. Os motivos eram distintos: trabalho, cansaço físico, problemas de saúde, falta de tempo e material escolar, como também a desmotivação de muitos, pois o programa fez declarações de que haveria aumento na cota recebida do Programa Bolsa Família, além de consultas de vista. Contudo como essas afirmações não foram cumpridas, vários alunos deixaram de ir à escola.

Sentimos o peso da evasão escolar na sala de aula, pois os alfabetizandos iam desistindo aos poucos. Houve dias em que o pesquisador ia para a escola e não encontrava nenhum aluno presente na sala de aula. E ficava se perguntando o porquê disto. Assim, ele confessa que na sua primeira etapa, os alunos frequentavam assiduamente as aulas. Mesmo não tendo sido alfabetizados na primeira etapa do programa, automaticamente já estavam matriculados na próxima etapa. Porém, por algum motivo, eles deixaram de ir à escola. Os que permaneciam eram poucos, de cinco a três alfabetizandos. Era muito difícil controlar aquela enorme evasão escolar. Dessa forma, sentiu o desejo de fazer a pesquisa a respeito da evasão no PBA e assim descobrir, de uma forma mais ampla, os motivos e circunstâncias que explicavam o fato de os alfabetizandos iniciarem o programa e não concluírem a etapa final.

A evasão escolar no PBA tem se tornado um problema constante, visto que dados de vários anos consecutivos em que o programa vem sendo realizado revelam o mesmo problema. Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender os motivos da evasão escolar no PBA, tendo sido realizada no município de Juazeirinho-PB.

Pretendemos fornecer dados confiáveis para colaborar com o perfil de educação mediante o qual queremos formar os cidadãos do nosso país. A evasão escolar pode ser definida como abandono da sala ou afastamento da escola. Assim, é mister coletar dados importantes que poderão facilitar o entendimento das causas da problemática e trazer esclarecimentos sobre o tema em discussão.

Dessa forma, focalizam-se, na presente pesquisa, experiências de Educação de Jovens e Adultos desenvolvidas através do PBA na cidade de Juazeirinho-PB. Diante do exposto, os objetivos específicos do presente trabalho são: identificar se a prática da evasão escolar tem uma relação com as questões de gênero, averiguar os tipos de evasão mais comuns entre os alunos investigados e analisar a realidade dos alunos para compreender o que leva à evasão escolar.

Face aos objetivos que norteiam o presente estudo, emergiram as seguintes hipóteses: se a evasão escolar ocorre mais entre homens; se uma das consequências da evasão escolar estaria relacionada à forma de trabalho exercida por cada membro da família; se a evasão escolar dar-se-ia por falta de investimento da parte do governo para fornecer material escolar e formação de qualidade aos alfabetizadores, bem como a valorização do trabalho exigido dos professores para condicionar ânimo aos alunos matriculados no Programa Brasil Alfabetizado ou se os professores estariam realmente preparados para receber os alfabetizando, que vêm de realidades diversas.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), enquanto modalidade educacional que atende ao educando trabalhador tem como finalidade e objetivos o compromisso com a formação humana e o acesso à cultura geral, de modo a que o educando venha a participar política e produtivamente das relações sociais, com comportamento ético e compromisso político através do desenvolvimento da autonomia intelectual e moral.

Quando pensamos em espaços da EJA, lembramos que a mobilidade social é uma das características mais importantes da sociedade contemporânea. Essa parceria entre educação e trabalho cria reais possibilidades de ascensão na estratificação social, fator potencializado pela sociedade capitalista. Considerando as políticas públicas, que priorizam, nos programas oficiais de educação, a erradicação do analfabetismo como fator predominante para o desenvolvimento nacional, a educação então passa a ser vista como um valor, um bem que requer investimentos coesos, tanto financeiros quanto cognitivos, pois os discursos delegam à educação a função de preparar os cidadãos para o desenvolvimento econômico de um país mais justo e igualitário. A ampliação paulatina da educação aos trabalhadores provenientes da EJA está longe dos objetivos desejados, pois o desenvolvimento intelectual significativo almejado para estes cidadãos é insuficiente para contribuir realmente com o desenvolvimento do país.

Para um melhor entendimento das campanhas que visavam aos processos de alfabetização no Brasil, vejamos como tudo começou, dando uma volta no tempo:

Em 1934, a Constituição previa um Plano Nacional de Educação que exigia um ensino gratuito para a Educação de Jovens e Adultos e, pela primeira vez, a EJA foi criticada em documento oficial.

De 1947-1950, deu-se a Campanha de Alfabetização da EJA, que estimulava a alfabetização em três meses, através de um serviço voluntário.

Em 1949, houve críticas ao modelo da EJA por campanhas de Paulo Freire. Porém, com o golpe militar, muitos movimentos populares foram desaparecidos.

Em 1967, tem início o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), organizado pela Ditadura Militar, com material padronizado e serviço voluntário.

Em 1971, o supletivo é aplicado no Brasil, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei n. 5.692/71).

Em 1985, para ocupar o lugar do Mobral, surge a Fundação Educar, com o objetivo de acompanhar o trabalho realizado pelas secretarias, instituições, associações, igrejas e sindicatos que recebiam verbas para a aplicação dos projetos.

Em 1986, torna-se real a Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), que promovia a formação de educadores.

Em 1989, nasce em São Paulo o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), durante a gestão de Paulo Freire na Secretaria de Educação do município.

Em 1990, institui-se o Ano Internacional da Alfabetização. O governo Collor extingue a Fundação Educar.

Em 1996, o governo propõe o Programa Alfabetização Solidária (PAS), como nova campanha de alfabetização no Brasil.

Por fim, em 2003, o Governo Federal cria o Programa Brasil Alfabetizado.

A década de 1990 foi marcada com campanhas internacionais para a alfabetização. No Brasil, houve várias políticas de alfabetização. No entanto, ao mesmo tempo, falava-se em direito à educação como se fosse um favor (Brasil Solidário). O que não ficava claro é que as pessoas analfabetas tinham o direito dentro da lei de poderem estudar.

2.1 O PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO NA CIDADE DE JUAZEIRINHO-PB E A PROBLEMÁTICA DA EVASÃO

O Programa Brasil Alfabetizado (PBA) é realizado pelo o MEC desde 2003, sendo voltado à alfabetização de jovens, adultos e idosos. Com o alvo de universalizar o acesso à educação e combater as desigualdades sociais, é desenvolvido em todo o território nacional, sendo aplicado por meio de bolsas e voluntários que participam deste programa atuando como professores, coordenadores e intérpretes de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Tem como objetivo promover a superação do analfabetismo entre jovens de 15 anos ou mais, além de adultos e idosos, como também contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil. Sua concepção reconhece a educação como direito humano e a oferta pública da alfabetização como porta de entrada para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida.

O PBA tem como ação principal apoiar técnica e financeiramente os projetos de alfabetização de jovens, adultos e idosos apresentados pelos estados, municípios e Distrito Federal. O quadro de professores para atuar como alfabetizadores tem como preferência os que já atuam na rede pública. Porém, alunos que concluíram o ensino médio estão aptos a participar da seleção de alfabetizadores, podendo se cadastrar tanto na prefeitura como na Secretaria do Estado. Caso seja selecionado, receberá uma bolsa de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) mensais, podendo haver aumento de bolsas para quem atua em mais de uma turma. É repassada uma soma de R\$ 600,00 (seiscentos reais) para coordenador e tradutor-intérprete de LIBRAS. Além disso, são repassados pelo MEC para Estados e municípios recursos para a formação de professores, alimentação e merenda, além de livros didáticos e literários para os alfabetizandos. O programa também dispõe de uma iniciativa voltada para a educação de presidiários.

Na cidade de Juazeirinho-PB, o PBA teve início no ano de 2003. Hoje, conta com dez turmas na zona urbana, com dez alfabetizadores e aproximadamente 18 alfabetizandos matriculados em cada turma. Na zona rural, há seis turmas e seis alfabetizadores, com aproximadamente 18 alfabetizadores matriculados. Os alfabetizadores do município de Juazeirinho têm formações diversas. Uns têm apenas o ensino médio completo; outros, formação em Pedagogia, Odontologia, Magistério, Geografia e Química.

A evasão escolar é um dos problemas mais sérios enfrentado pelo PBA. O sistema educacional não tem conseguido solucioná-lo. Alfabetizadores muitas vezes têm

buscado turmas com bastantes alfabetizandos, mas, no decorrer do semestre, por algum motivo, os alunos antes matriculados não permanecem em sala de aula. Como afirmam Basegio e Medeiros, (2009, p. 99):

[...] as políticas educacionais fracassam sobre esses e tantos outros aspectos no que diz respeito à educação. Entretanto, a evasão escolar acaba culminando em outros problemas sociais e, talvez por isso, seja o mais preocupante atualmente. O sistema educacional, ao não conseguir evitar que os jovens e adultos, principalmente do ensino noturno, permaneçam na escola, faz com que os governantes se encontrem com inúmeros problemas de ordem social.

Existem diferentes motivos pelos quais alguns alunos que estudam na zona urbana evadem da escola, que vão desde a luta pela sobrevivência, em busca de encontrar um trabalho cuja renda possa auxiliar nas despesas da casa; por não ter tido a oportunidade de ir à escola e possuir um trabalho digno e que possibilite o educando estar presente nos horários de aula na escola. Já os alunos da zona rural podem deixar de ir à escola em épocas de maior atividade nas lavouras, visto que estarão mais ativos no trabalho do que na escola. Como afirmam Basegio e Medeiros (2009, p.100):

[...] a necessidade de trabalhar, como forma de ajudar nas despesas familiares, ou mesmo o fato de serem principais sustentáculos econômicos de suas famílias, leva todos os dias centenas de estudantes a trocarem as salas de aula pelo trabalho, seja de forma formal ou não, em todas as cidades brasileiras [...]. É comum em épocas de maior atividade de lavouras que muitas crianças, jovens e adultos deixem de frequentar as aulas para se dedicarem ao trabalho.

A evasão no Programa Brasil Alfabetizado (PBA) tem se tornado um problema constante em cada um ano em que é realizado, sem obter grandes resultados no que se refere a motivar os alfabetizandos a permanecer em sala de aula e reconhecer a sua realidade, encontrando estratégias que possam combater a saída dos alunos da escola.

Outro fator que ainda agrava a situação da evasão escolar é a repetência, que pode ser efeito desta conjuntura ou não. A evasão pode se dar por não existir uma proposta pedagógica que acolha alunos que vêm de uma realidade que necessite de ajuda especial e que não obrigue os alfabetizandos a saírem da escola sem ter finalizado o programado para aquele ano. A sociedade capitalista cria regras que excluem os que não se enquadram no perfil esperado, não o fazendo de forma tão perceptível,

mostrando, assim, a necessidade de um olhar crítico e reflexivo para poder enxergar a realidade. Consoante Basegio e Medeiros (2009, p. 103):

[...] de acordo com um levantamento realizado pelas pesquisas Brandão, Baeta e Rocha, que procuram analisar as pesquisas nacionais e internacionais sobre evasão e repetência escolar e suas causas, alguns pontos se destacam, como dificuldades psicopedagógicas que os alunos de famílias de baixa renda apresentam ou características estruturais da sociedade que jogam os alunos para fora do ambiente escolar.

Existem várias explicações preconceituosas para justificar a evasão escolar das famílias de baixa renda, como a crença de que seus filhos seriam incapazes de aprender o conteúdo selecionado do currículo escolar por simplesmente serem pobres, ou até mesmo por possuírem problemas nutricionais e incapacidade intelectual. Se assim fosse, seria muito fácil resolver o problema da evasão escolar: bastaria, para tanto, fornecer a alimentação necessária e mudariam os dados da estatística da evasão escolar. Para Basegio e Medeiros (2009, p. 103):

[...] as ideias que apontam, como condicionante, a incapacidade dos alunos das classes populares de aprenderem são antigas em nosso país e demonstram a forma preconceituosa como as elites e as políticas governamentais agem e tratam esse tema que afeta diretamente a população mais pobre [...]. É também comum a tese de que alunos de escola da periferia e principalmente do ensino noturno não aprendem porque possuem graves problemas nutricionais e/ou incapacidade intelectual. Isso contribui de maneira decisiva para o fracasso no processo de aprendizagem.

Além disso, outros autores afirmam que um dos motivos que contribuem para um baixo rendimento escolar é a questão do alfabetizando estar trabalhando. Muitas pesquisas usam isto como fator primordial da evasão escolar. Porém, é importante ressaltar que esse fator pode, sim, contribuir para a saída do aluno da escola, mas que isto não significa que o alfabetizando seja menos inteligente para estudar, resolver problemas matemáticos, aprender a ler e possuir habilidades intelectuais, visto que o aluno já possui o conhecimento de mundo que facilitará o seu conhecimento em sala de aula. Conforme Basegio e Medeiros (2009, p. 104):

É importante que o fato de trabalhar tem grandes implicâncias no rendimento escolar dos alunos do noturno. Entretanto, em nenhum momento os autores analisados apontam este fato como determinante para abandono escolar, como diz Rodrigues “Com efeito, o fato de estar ou não trabalhando interfere decisivamente no rendimento escolar do aluno, mas o trabalhador-estudante não está condenado a um baixo rendimento escolar pelo fato de estar trabalhando”.

Embora há algum tempo se dissesse que o alfabetizando não possuía conhecimento antes de ir à escola, vejamos uma discussão sobre letramento e alfabetização que nos levará a uma resposta diferente desta afirmação e que poderá nos ajudar a ver o alfabetizando com outros olhos, subsidiando-o contra a evasão escolar.

Soares (2001) afirma que a visão tradicional referente à leitura e à escrita concebe esse processo como sendo obrigação somente da escola, tornado possível por meio da alfabetização, enquanto outros aprendem por meio do letramento, que é o conhecimento de mundo. Todavia, são perceptíveis grandes dificuldades no processo de escolarização, desde o desinteresse pela leitura e a escrita, como também o fracasso escolar e deficiências na linguagem. Entretanto, é papel da escola desenvolver habilidades do uso social da leitura e da escrita nas situações a que os alunos se submetem no dia-a-dia.

Os temas alfabetização e letramento ainda são bastante confundidos e distorcidos, embora sejam totalmente diferentes um do outro. A autora define alfabetização como aquisição da linguagem e domínio de códigos por meio de habilidades, conhecimento e atitudes. Trata-se de codificar e decodificar os sistemas da linguagem utilizando instrumentos através do desenvolvimento motor para exercer a arte da ciência da escrita. Já o letramento é definido como o exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita, orientando-se por meio da memória, interpretando e produzindo diversos gêneros de textos. Como afirma Soares (2001, p. 111):

[...] letramento escolar e letramento social, embora situados em diferentes espaços e em diferentes tempos, são parte dos mesmos processos sociais mais amplos, o que explicaria porque experiências sociais e culturais de uso da leitura e da escrita proporcionadas pelo processo de escolarização acabam por habilitar os indivíduos à participação em experiências sociais e culturais de uso da leitura e da escrita no contexto social extraescolar.

A pesquisadora frisa agora ao processo de escolarização, que é o ato ou o efeito de escolarizar, ou seja, o indivíduo recebe um aprendizado na escola por meio de certa transformação, em que alfabetização, letramento e escolarização estão vinculados entre si, porquanto desde o senso comum à área de educação, a leitura e a escrita têm sua participação na vida das pessoas, como também se aprende em instâncias não escolares, como, por exemplo, na comunidade, na família, na igreja. Porém, é bom salientar que, embora esses processos estejam vinculados, possuem consequências negativas, pois muitos programas de alfabetização adotam um proceder de alfabetizar adultos com a mesma didática utilizados para alfabetizar crianças, a qual foge da realidade dos primeiros.

Os alunos que fazem parte do PBA dispõem de um grande conhecimento de mundo. Por este e outros motivos, podemos entender que eles não são menos inteligentes do que aqueles que estão na escola. Analfabetos podem ter um certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, utilizam-se de quem a tem para fazer uso da leitura e da escrita por meio do social. Como afirma Soares (2001, p. 92):

[...] na concepção psicogenética de alfabetização que vigora atualmente, a tecnologia da escrita é aprendida não como em concepções anteriores, com textos construídos artificialmente para aquisição das “técnicas” de leitura e de escrita, mas através de atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita.

Sendo assim uma pessoa é alfabetizada quando domina a leitura e a escrita. É-se letrado a partir do conhecimento de mundo que se possui, das experiências de vida junto com o contexto social da pessoa, que facilita o convívio com o outro e que não faz uso do código escrito, mas se utiliza apenas do código oral. No entanto, alguns sabem ler e escrever, mas são analfabetos funcionais por não conseguirem interpretar textos, noticiários e revistas, bem como realizar operações matemáticas mais elaboradas. Falham ainda em conseguir explicar um enunciado simples e emitir opiniões concretas sobre a política e o universo do trabalho.

Na alfabetização diagnóstica, um indivíduo é alfabetizado quando domina a leitura e a escrita de uma forma contínua, mas com certo limite. Já o letramento é permanentemente um processo. Fica um pouco difícil defini-lo até o indivíduo ficar letrado. Há aqueles alunos que sabem ler e escrever, mas que são analfabetos funcionais, por não conseguirem interpretar textos e por não terem concluído os estudos

na escola. Soares remete às pesquisas de senso no Brasil para informar que muitos alunos não são alfabetizados por possuírem apenas um ensino fundamental incompleto, chegando à conclusão de que quanto maior o grau de instrução, maior o nível de alfabetismo e que, quando há o acesso e a prática de leitura e escrita, também os índices de escolarização serão bem mais altos. Como afirma Soares (2001, p. 91):

[...] alfabetização - tomando-se a palavra em seu sentido próprio – como processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, o conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabeto, ortográfico); as habilidades motoras de manipulação de instrumentos.

Para que os alunos tivessem um maior rendimento escolar, foram tomadas algumas medidas através da LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Com o objetivo de aprimorar o ensino e apurar os resultados, foram organizados exames da educação básica (SAEB) e do ensino médio (ENEM) para, dessa forma, poder analisar a situação da leitura e da escrita, como também os níveis de letramento de cada um dos inscritos. É interessante notar que, nos exames da educação básica havia um grande número de textos literários que chamavam a atenção para o convívio social, como também a mídia e a imprensa facilitando o conhecimento que os alunos já possuem, enquanto o teste de avaliação do analfabetismo funcional trazia questões abertas. Assim pode-se definir estes testes do SAEB, que se orientam por conteúdos escolares, e o do analfabetismo funcional, que se orienta por meio das práticas sociais.

A linguística salienta ainda outra discussão: a de que ainda existe um conceito de letramento escolar e social. O letramento escolar são eventos e práticas de letramento planejadas, instituídas e selecionadas por critérios pedagógicos, visando à aprendizagem e quase sempre conduzidos por atividades de avaliação, com vistas a transformar as práticas sociais no ensinar, as quais ocorrem nos eventos sociais de letramento e que são dispostas no currículo escolar. As práticas de letramento ensinadas são aquelas que ocorrem em instância na sala de aula e que podem produzir didaticamente eventos sociais, enquanto as práticas de letramento adquiridas são aquelas das quais, entre todas as ensinadas, os alunos efetivamente se apropriam e levam consigo para a vida fora da escola.

O letramento social é visto como o que ultrapassa as paredes da escola, em consequência do convívio e práticas de outras instituições, como a família, e as

instâncias social e cultural. Diante das pesquisas, foi constatado que os alunos possuíam, em suas casas, mais materiais do senso comum, como álbuns, calendários, e menos livros literários, mostrando, assim, que os indivíduos estavam mais ligados ao letramento social do que ao escolar, o que me permite afirmar que essas pessoas pesquisadas usam seu grau de instrução mais para o lazer. Com relação àquelas que cursam o ensino superior ou que o terminaram, estas dão mais valor à leitura de livros: quanto maior o grau de instrução, maior a procura pela leitura.

A Soares conclui afirmando que ainda é preciso haver estudos para reconhecer as relações de letramento e escolarização e entender mais a fundo as relações de letramento escolar e social para compreender as consequências da escolarização.

Diante desta discussão, posso entender o grau de evasão escolar e seus efeitos. Quando os alfabetizandos não conseguem finalizar seus estudos, entram, assim, nas estatísticas como não alfabetizados e letrados.

Ao pensar em aplicar um programa como o Brasil Alfabetizado, seria importante se assumir o lugar dos alfabetizandos e tentar descobrir quem são esses alunos para poder entender sua realidade e poder empreender um ensino de qualidade. Quando isto não acontece, ocorre o abandono da escola. Conforme Basegio e Medeiros (2009) asseveram:

[...] por estarem envolvidos com as questões relativas ao mercado de trabalho, possuem expectativas e motivações diferentes das dos alunos do diurno. São alunos que apresentam, como já foi dito, expectativas imediatistas acerca dos resultados que possam obter com a escola e sua escolarização. Assim sendo, uma vez que, ao perceberem que a escola não lhe oferece nada, a não ser uma série de conhecimentos vazios e massivos, que se mostram incapazes de oferecer respostas às suas necessidades, esse alunos abandonam (BASEGIO; MEDEIROS, 2009, p. 105).

Precisa-se pensar em conteúdos que sejam interessantes para os alfabetizandos, que estejam ligados ao seu modo de vida e ao seu contexto social, para torná-los atraentes e significativos. Assim, os alunos podem visualizar como estes conteúdos são importantes para a sua vida. É relevante também levar em conta o tamanho das letras e gravuras dos livros didáticos, o que pode facilitar a aprendizagem. Desse modo, é papel da escola avaliar os livros que estão sendo inseridos na instituição. Mas, se não houver seleção de conteúdos e livros didáticos, ela colaborará para a evasão escolar. Conforme pontuam Basegio e Medeiros (2009, p.106),

[...] cabe à escola refletir sobre ela mesma. Avaliar seus métodos e suas práticas, bem como seus objetivos e conteúdos, visando torná-los significativos, capazes de oferecer aos estudantes, ou trabalhadores-estudantes, como é o caso da maioria dos alunos noturnos, alternativas para atuarem como serem conscientes e capazes de modificarem seu próprio futuro e o da sociedade, de um modo geral [...]. São listas de conteúdos que, em grande parte, não denotam relação alguma com o meio em que vivem os estudantes com a realidade deles.

É importante valorizar o conhecimento popular que cada aluno possui, o qual pode ser definido como conhecimento que surge da necessidade de resolver problemas imediatos que aparecem na vida prática do dia-a-dia. Não se trata de um conhecimento planejado; este vai acontecendo de forma natural e espontânea. Assim sendo, será papel do professor sistematizar o saber que o aluno tem com o conhecimento científico transmitido na escola e, dessa forma, o alfabetizando sentirá que faz parte daquele conteúdo que está sendo aplicado na escola. Segundo Basegio e Medeiros (2009, p. 121):

[...] existem, por parte de muitos profissionais que atuam na educação, um conceito equivocado que afirma que os conhecimentos formais são mais importantes que o conhecimento popular que é trazido pelos alunos para dentro da escola. Isso é um grande erro e apenas configura um preconceito que não deve ser aceito, se realmente desejamos construir uma escola pluralista e democrática.

Trabalhar na escola com assuntos que despertem o interesse dos alfabetizados tornará o processo gratificante para cada um deles. Contudo, isto não significa que o alfabetizador deixará de transmitir o conhecimento escolar. Ele apenas fará uma ponte entre o conhecimento científico e o conhecimento popular e, por assim dizer, estará ao mesmo tempo incluindo o indivíduo na sociedade, porquanto suas vidas estão marcadas pela exclusão. O aprendiz se sentirá valorizado, tendo a sua autoestima elevada, pois estes alfabetizados vêm de realidades difíceis, as quais têm contribuído para uma baixa autoestima. Nesse momento, o que eles mais desejam da escola é que esta possa ajudá-los em atividades cotidianas, como aprender a assinar seu nome quando vai ao banco ou qualquer instituição que necessite de sua assinatura; conseguir ler uma carta de um parente, a bula de uma medicação, entre outros, e, por fim, serem alfabetizados. Como concluem Basegio e Medeiros (2009, p. 121):

[...] portanto, a escola deve romper com essa prática tradicional de ensino, preconceituosa e excludente. A exclusão talvez seja a maior dificuldade que a escola enfrenta atualmente, pois ela contribui para aumentar a distância entre aqueles que sempre possuíram os benefícios sociais e aqueles que nunca tiveram oportunidades para se desenvolverem social e culturalmente como cidadãos.

A exclusão pode contribuir para evasão escolar, seja devido ao fato de o alfabetizando não possuir o mesmo perfil da condição social de outros alunos da turma ou por não acompanhar a metodologia que o alfabetizador utiliza em sua prática educacional. Isto faz com que o educando se sinta diferente, causando um mal estar por se inserir entre estes sujeitos. A diferença se dá por meio da diversidade existente na sociedade e não é negativa, mas algo que tem contribuído para a riqueza em conhecimentos e favorecido a aprendizagem de cada indivíduo. Para haver uma certa harmonia entre os sujeitos, parece surgir a necessidade de depender da aceitação do outro. Como afirma Rodrigues (2006, p. 30):

[...] assim, “diversidade” se parece muito mais com a palavra “diferente”, anteriormente mencionada como ideia mais ou menos modesta da “diferença”. Ademais, lembremos que a “diversidade” em educação nasce com a ideia de (nosso) respeito, aceitação, reconhecimento e tolerância para com o outro. E isto é particularmente problemático: a diversidade, o outro, os outros assim pensados, parecem depender da nossa aceitação, do nosso respeito, para ser aquilo que já são, aquilo que já estão sendo.

Para o alfabetizador incluir o alfabetizando nas atividades em sala, seria bom primeiro ouvir suas dificuldades de aprendizagem para poder descobrir o método mais eficaz e fazer um trabalho em equipe com toda a comunidade escolar para subsidiar o aprendiz no seu desenvolvimento intelectual. Além disso, o professor há de ter o cuidado de não aplicar as mesmas atividades para todos os alfabetizandos, mas fazer atividades diferenciadas, posto que cada um tenha suas necessidades. Isto quer dizer que os educandos são únicos, como também aponta para a necessidade de tentar conhecer todo o contexto histórico do alfabetizando. Assim, o professor tornará sua didática mais eficiente. Como defende Rodrigues (2006, p. 32),

[...] se o (a) professor (a) se dispusesse a me ouvir, eu lhe diria que não há mudança educativa nem sentido amplo, significativo, sem um movimento da comunidade educativa que lhe outorgue sentidos e sensibilidades. Querer pensar que as mudanças se resolvam fora desse contexto é uma falácia, uma impostura cultural. Não se trata de esforços pessoais, de atitudes filantrópicas, benéficas. O (a) professor (a), na sua vontade de incluir o outro, não deveria se perder nos labirintos dos nomes, das técnicas e dos saberes inventados. Eu lhe diria que se aproxime das experiências que são dos outros, mas não reduza na mesmice egocêntrica e hegemônica da educação.

Contudo para acontecer a inclusão na escola e diminuir a evasão escolar, é preciso seguir um novo modelo de escola e modificar a escola tradicional, para poder atender às necessidades dos alfabetizandos. Na busca de novos conhecimentos, os alfabetizadores, no papel de mediadores do conhecimento, necessitam de uma formação especializada, que aborde os problemas que cada alfabetizando possua para atender às necessidades da turma. Como afirma Rodrigues (2006, p. 59):

[...] sem dúvida, a proposta de uma escola inclusiva supõe uma verdadeira revolução nos sistemas tradicionais de formação docente, geral ou especial. Um sistema unificado de ensino nos obrigaria a abandonar esta clássica separação, para busca uma integração entre os conhecimentos provenientes de ambos os sistemas. Para tanto, a formação do docente de educação tem de ser especializada para atender a diversidade do alunado, recomendando a inclusão de disciplinas ou conteúdos afins, nos diferentes cursos de formação.

Com base na teoria do capitalismo, aqueles sujeitos que são excluídos da sociedade o são por meio do poder capital, ou seja, quem não for consumidor o bastante é excluído do convívio social. Entretanto, que tem conhecimento poderá agir diferente, pois a escola tem a função de transmitir conhecimento e dar a oportunidade aos indivíduos de conquistar seus direitos com um pensamento reflexivo. Por este motivo, é papel da escola tornar os alfabetizandos sujeitos ativos na sociedade. Como afirma Rodrigues (2006, p. 71):

[...] o que pretendemos com o nosso argumento é pôr em causa a ideia segundo a qual a inclusão deve se desenvolver com base na lógica de que quem não é consumidor é excluído. De fato, é com base na diferença, e não na homogeneização (promovida quer pela Igreja, quer pelo Estado, quer ainda pelo mercado), que se pode encontrar uma alternativa para o desenvolvimento de uma sociedade eventualmente mais inclusiva.

Os alfabetizadores poderão fazer a diferença tendo um novo olhar em relação aos alfabetizados, inovando suas metodologias e facilitando a aprendizagem dos aprendizes, valorizando-os e reconhecendo que eles fazem parte da escola como também da comunidade em que residem. Para tanto, é necessário que experimentem novas propostas pedagógicas, assumindo uma visão reflexiva de cada sujeito. Isto se refletirá nos resultados obtidos por cada profissional da instituição escolar, seja no fracasso como também no sucesso. Como afirmam Ireland, Barreiros e Arnaiz (2009, p. 97):

[...] dessa forma, uma visão mais reflexiva por parte do corpo docente a respeito da prática educativa é absolutamente necessária. O sucesso ou fracasso de uma escola tem relação com a forma como os professores percebem a si mesmo, o seu trabalho e a escola. À medida que uma escola se organiza para melhorar sua resposta educativa para todos os estudantes, ela terá uma visão mais positiva dos alunos com dificuldade de aprendizagem e tratará de buscar soluções conjuntas e não soluções particulares.

Para diagnosticar o problema que leva à evasão escolar, é importante primeiro observar os fatos ocorridos na sala de aula junto com o contexto histórico de cada alfabetizando para depois poder tomar uma ação significativa. Um plano de ação eficiente seria criar um ambiente favorável, com o objetivo de fazer com que estes alfabetizando sintam-se bem na turma, buscamos responder a perguntas, tais como: que tipo de educação queremos para estes educandos? O professor deve procurar saber que tipo de educação seus alunos também preferem para poder suprir suas necessidades, e, por fim, elaborar um plano de ação para pôr em prática a estratégia elaborada. Além disso, é necessário avaliar o que já está sendo feito e anotar o que precisa ser modificado. De acordo com Ireland, Barreiros e Arnaiz (2009, p. 98):

[...]2-Diagnóstico da situação, análise e formulação de problemas: trata-se de expor as dificuldades existentes na escola com o objetivo de realizar o diagnóstico da situação presente naquele centro [...]. 4-Elaboração de plano de ação, preparação para sua colocação em prática e o seu desenvolvimento colaborativo: uma vez avaliadas, debatidas e reunidas as diversas soluções por parte de todo o grupo, será elaborado um plano de ação que contribua para transformar, de maneira progressiva e prática.

Portanto, para entender as causas da evasão escolar no Programa Brasil Alfabetizado (PBA) na cidade de Juazeirinho-PB, é preciso levar em consideração todo

o contexto social dos alfabetizandos, procurar entender a realidade deles, como também dos alfabetizadores, incluindo os recursos que estes possuem para dar uma aula de qualidade, analisar que tipo de formação eles têm e que tipo de capacitação os educadores recebem para lidar com as dificuldades encontradas no programa. Ademais, devem-se buscar informações para saber que tipo de apoio o governo fornece aos alfabetizadores para lidar com a problemática da evasão escolar em suas turmas, além de analisar os que os alfabetizadores têm feito para diminuir a evasão escolar.

3 METODOLOGIA

A pesquisa “A evasão escolar no Programa Brasil Alfabetizado: Um estudo no município de Juazeirinho –PB” foi qualitativa e tomou como base entrevistas, através da coleta de informações a partir das respostas dos entrevistados, a saber: sete alfabetizandos, inscritos no Programa Brasil Alfabetizado (PBA) no município de Juazeirinho-PB. Como afirmam Cervo e Bervian (1996, p.137), “a entrevista possibilita registrar, além disso, observações sobre aparência, sobre o comportamento e sobre atitudes do entrevistado”. Referente à análise dos dados, o presente estudo utiliza-se da análise de conteúdo, fundamentando-se em Bardin (1977). Saliento que a análise dos conteúdos foi feita de maneira criteriosa, ou seja, considerando o que os alfabetizandos quiseram me informar. Dessa forma, Bardin (1977, p.45) enfatiza que “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre os quais se debruça [...] é uma busca de outras realidades através das mensagens. Nessa perspectiva, procuramos interpretar o que o entrevistado quis enfatizar na sua fala”.

A entrevista é uma ação que o entrevistador utiliza para buscar respostas de suas indagações e analisar as partes mais simples até as mais complexas, e assim fazer julgamentos mediante as informações apuradas e uni-las à teoria estudada e confiável, sendo atribuído a autores que defendem ou não o tema em discussão. Segundo Bardin (1977, p.37), “a análise é a decomposição de um todo em suas partes. A síntese é a constituição do todo decomposto pela análise. Ou, por outra: a análise é o processo que parte do mais complexo para um menos complexo e a síntese parte mais simples para o menos simples”.

A reflexão de cada fala dos alfabetizandos foi fundamentada na ideia de Cervo e Bervian (1996), a qual enfatiza que, quando há evidência do que foi revelado por meio da fala de cada sujeito entrevistado, isto transparece a verdade. Assim sendo, Cervo e Bervian (1996) enfatizam que a:

[...] evidência é manifestação clara transparência, é desocultamento e desvelamento do ser. A respeito daquilo que se manifesta do ser pode ser uma verdade. Mas, como nem tudo se desvela de um ente, não se pode falar arbitrariamente sobre o que não se desvelou. A evidência, o desvelamento, a manifestação do ser é, pois, o critério da verdade (CERVO; BERVIAN, 1996, p. 14).

Por isso, é preciso ler as entrelinhas de cada fala e procurar entender as razões das angústias dos sujeitos da pesquisa, para assim poder enxergar os verdadeiros motivos que cada um defende em seu discurso de acordo com sua realidade. Destarte, tornar-me-ei capaz de compreendê-los.

O cenário da presente investigação foi uma escola municipal de ensino fundamental do município de Juazeirinho-PB. Saliento que, no turno da noite, na referida instituição de ensino, funciona a Educação de Jovens e Adultos – EJA.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

De acordo com a primeira parte da entrevista, apresentamos os seguintes dados:

Em relação à idade dos discentes, dois estavam na faixa etária de 35 a 40 anos; três na faixa de 40 a 55 anos e dois entre 55 e 73 anos. Observamos que o mais jovem tinha acima de 30 anos. Este é um perfil típico da Educação de Jovens e Adultos no Nordeste do Brasil. Consideramos que essa população abandonou os estudos ainda bastante jovens.

Consoante o estado civil dos colaboradores, seis discentes eram casados, um separado e uma viúva.

Quanto à profissão, a maioria era agricultora e apenas um era pedreiro. Este perfil profissional mostra que os referidos alunos pertencem a uma classe social menos favorecida.

4.2 NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

Dos discentes entrevistados, dois frequentaram a escola na infância, mas, logo em seguida, foram compelidos a parar de estudar por causa da necessidade de trabalhar na agricultura ou por precisar ir para outro estado em busca de oportunidade de emprego. Os cinco restantes não estudaram na infância. Eles se matricularam na escola já na fase adulta. É patente que a maioria dos participantes da pesquisa não estudou na infância.

No Brasil, ainda podemos ver essa realidade. Muitas crianças e jovens estão fora da escola ou a abandonaram em função da busca pela inserção no mercado de trabalho. Embora o problema do trabalho infantil ainda esteja tão forte em nossos dias, não é de hoje que muitos sofrem com a exploração do trabalho fora da faixa etária, permitindo que esses indivíduos deixem de ir à escola. As razões para justificar a problemática e solucioná-la dividem opiniões. Segundo Franzoni (2013, p. 01):

[...] o debate acerca das soluções para o problema do trabalho infantil é polêmico. Se, para alguns, a questão está na exploração humana, inaugurada com a emergência do modo capitalista de produção, para outros, decorre de desajustes

sociais possíveis de serem resolvidos por meio de reformas legislativas e políticas e do avanço da escolarização entre a classe trabalhadora.

É preciso ter um olhar reflexivo sobre o trabalho infantil para não se permitirem opiniões influenciadas pelo modelo capitalista dominante da sociedade de hoje, incorrendo em injustiças na forma de pensar para com os indivíduos que sofrem com a exploração do trabalho infantil. É de suma importância estar atualizado sobre as notícias de políticas públicas do nosso país para compreender a realidade atual e, através de nossas ações, podermos atribuir significados satisfatórios à nossa sociedade.

4.3 A EVASÃO NO PROGRAMA SOCIAL “BRASIL ALFABETIZADO”

A evasão escolar no Programa Brasil Alfabetizado na cidade de Juazeirinho-PB tornou-se algo inquietante de acordo com as informações colhidas pelos alfabetizandos. As causas da evasão escolar foram diversas, contribuindo para a ausência na escola e pelo fato de os discentes não poderem continuar até o fim da etapa do programa.

Diante da questão que enfatizou os motivos que conduziriam à evasão, estes foram diversos: saúde fragilizada, trabalho na zona rural ou urbana, desmotivação, responsabilidades familiares, idade avançada, necessidade de cuidar de parentes doentes e idosos, falta de credibilidade quanto aos auxílios prometidos pelo programa para os alfabetizandos que permanecessem na escola, dentre outros. Dos alfabetizandos entrevistados destaco as seguintes falas:

Eu deixei de ir à escola porque trabalho muito durante o dia no sítio e na reciclagem de lixo. Quando não era uma coisa, era outra. E quando chegava, estava muito cansada, não tinha mais disposição de estudar (informação verbal¹).

Porque passo o dia no sítio e não há escola no meu sítio, e trabalho arrancando toco. Quando chego na rua, estou muito cansada (informação verbal²).

Trabalho muito na agricultura. O meu estudo é o trabalho. Até tentei estudar de novo, mas não dá mais pra mim; papagaio velho não aprende mais... (informação verbal³).

¹ Informações gravadas em áudio cedidas pela Participante 1 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

² Informações gravadas em áudio cedidas pela Participante 2 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

Minha vida toda é apenas trabalhar. Não dá pra tá ao mesmo tempo na escola e na agricultura, pois não existe outro tipo de trabalho para quem é pobre; só arrancar toco era as nossas ocupações, só no pesado. Não tinha tempo de escola (informação verbal⁴).

Na maioria das falas ou dos discursos apresentados, os participantes queixam-se de não estar na escola devido à necessidade de trabalhar para se manter. Posso dizer que, devido ao cansaço adquirido pelo trabalho, os referidos alunos não conseguem conciliar escola e trabalho, pois, ao chegar a casa, estão muito cansados e não têm disposição para estarem presentes em aula. São trabalhadores braçais. Para estudar, é crucial estar tranquilo, descansado e com a mente preparada para receber informações necessárias à aprendizagem.

Segundo Moll (2009, p. 52), trata-se da “[...] lógica da exclusão’ que atinge indivíduos imersos em circunstâncias socioeconômicas desfavoráveis e dificultadoras à sua permanência no sistema educacional”. O problema da exclusão social devido a problemas econômicos leva muitos alfabetizandos a deixarem de ir á escola. Portanto, por não se sentirem mais incluídos na escola e pela necessidade de conseguir o essencial para sobreviver, recorrem a um ofício que não permite estudar e trabalhar durante horas específicas.

O que mais dificulta a permanência dos alfabetizandos na escola é a difícil realidade que cada um enfrenta, deixando-os muitas vezes sem saída e obrigando-os a não se fazerem presentes em sala de aula. A falta de alternativas e a exclusão social não permitem o esplendor de frequentar uma instituição escolar. Outro fator desfavorável é a dificuldade de perseverar na escola, visto que não se sentem mais incluídos no ambiente escolar. Segundo Pedralli e Cerutti-Rizzatti (2013, p. 01):

A nosso ver, tal fenômeno não é reflexo da incapacidade de *automotivação*⁵ ou da ineficiência da tentativa de motivação de outrem para a permanência do aluno no espaço escolar, tampouco é causal a falta de esforço por parte dos educandos; tendemos a crer no movimento contrário: a evasão é consequência desse processo, o reflexo de uma realidade vivida por essas pessoas nos ambientes de escolarização.

³ Informações gravadas em áudio cedidas pelo Participante 3 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

⁴ Informações gravadas em áudio cedidas pelo Participante 4 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

⁵ Grifo meu.

A realidade difícil dos alfabetizandos leva cada um a desacreditar das possíveis melhorias que a escola poderia levar à sua vida social e profissional ou ter a ambição de um futuro melhor, que lhes possibilitasse mais oportunidades profissionais, como também o desenvolvimento de sua aprendizagem. A história dos alfabetizandos se resume em mais um trabalho sem muitas oportunidades de avanço.

4.4 AS BARREIRAS PARA RETORNAR AOS “BANCOS DA ESCOLA”

As diversas causas da evasão escolar contribuíram para a ausência dos alunos na escola, os quais não puderam continuar até o fim da etapa do programa.

Para confirmar essa afirmação sobre as causas da evasão escolar, vejamos depoimentos de alfabetizandos que passaram por este problema:

Perdi o estímulo porque fiquei muito tempo sem estudar. Agora sou casado, tenho uma família, preciso trabalhar para manter minha família. E quando chego do trabalho, estou muito cansado, não tenho disposição para ir para a escola (informação verbal⁶).

Gosto muito de estudar, mas acontece que eu trabalho no sítio. Acordo de madrugada pra deixar a casa limpa, fazer comida pra poder ir pro sítio. Fico muito cansada pra ir pra escola. Tenho muitos afazeres. Sempre trabalhando, fico sem tempo e disposição para estudar. Quando vai chegando a noite, vai dando sono e tenho que dormir devido o cansaço do dia de trabalho (informação verbal⁷).

Minha saúde estava muito fraca, meu pai ficou doente, tive que cuidar dele e com isso deixei de ir à escola. Minhas dificuldades são problema de vista. Sou muito doente, minha coluna dói muito, pressão alta e gastrite. Não tenho mais saúde pra estar na escola. (informação verbal⁸).

Porque trabalho muito. Já sou casada, tenho que cuidar das coisas de casa, aí fica difícil de estudar. Minha professora também não participou mais neste programa, aí não continuei, mas tenho muita vontade de aprender (informação verbal⁹).

⁶ Informações gravadas em áudio cedidas pelo Participante 1 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

⁷ Informações gravadas em áudio cedidas pela Participante 2 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

⁸ Informações gravadas em áudio cedidas pela Participante 3 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

⁹ Informações gravadas em áudio cedidas pela Participante 5 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

Primeiro porque minha visão está muito ruim. Não consigo enxergar nem o número do celular. Tenho muitas responsabilidades em casa, trabalho muito. E também porque prometeram aumento de Bolsa Família, não cumpriram; exames de vista e não fizeram nada disso. Então, fui perdendo o gosto de estudar. Desde a minha responsabilidade de casa, trabalho e cuidar da família, perdi a vontade de estudar. Meus colegas foram desistindo, aí eu também desisti (informação verbal¹⁰).

Os problemas sociais ainda são muito graves para que o alfabetizando continue na escola, devido à urgência de conseguir o necessário para cuidar de si e da família. Assim sendo, deixam de estar presentes na escola. Segundo Moll (2009, p. 137), “os motivos de ausência em geral são consistentes e, via de regra, vinculados aos problemas sociais”.

Desse modo, podemos estar cientes de como os problemas sociais têm efeitos negativos na vida escolar de cada alfabetizando, obrigando-o a não ter o direito de ir à escola e trazendo consequências negativas ao aprendizado de cada um deles. Para Moll (2009, p.49), isto “evidencia fortemente que evasão, reprovação ou repetência escolar são aspectos cruciais da seleção social que se processa também via instituição escolar”. Logo, não se pode negar que existe, de uma forma não tão perceptível, uma seleção social para fazer parte da sociedade, contribuindo, assim, de forma violenta para o alfabetizando estar fora da escola.

Observando a realidade difícil dos alfabetizandos, seria interessante que os alfabetizadores estivessem preparados através de uma boa formação, habilitados para saber fazer, para receber o alunado que vem com toda uma bagagem de exclusão e autoestima baixa durante toda a sua história. É inútil apenas utilizar métodos tradicionais que abordem a memorização. Seria muito mais interessante se os alfabetizadores utilizassem métodos que tornem os sujeitos capazes de refletir e relacionar o aprendizado à sua prática social. Como afirmam Bunzen e Mendonça (2006, p. 16):

Entretanto, a tradição da formação para o conteúdo em si mesmo (saber por saber), geralmente por métodos transmissíveis e de memorização no ensino convencional, em que não visa, normalmente, a formação de competências e habilidades (saber fazer) nem a ampliação das práticas de letramentos dos alunos.

¹⁰ Informações gravadas em áudio cedidas pelo Participante 6 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

Sendo assim, seria muito útil o alfabetizador aplicar uma metodologia que conseguisse atingir todas as necessidades dos alfabetizandos, fazendo uma mediação de práticas sociais com leitura e escrita de uma forma bem clara e convincente. Segundo Buzen e Mendonça (2006, p. 22), “para alcançar esses objetivos, é necessário a intervenção de um professor apto para mediar as situações de leitura e escrita com objetivos pedagógicos claros e definidos”.

É preciso lecionar a partir das experiências, do mundo do discente. O aluno vê que a prática do seu cotidiano pode ser útil, importante no processo de ensino-aprendizagem. Como afirmam Freire e Nogueira (1993, p.62), “o importante é participar criativamente em atos de conhecimento. Não se compreende, então, Educação como um banco de dados, mas como série de envolvimento”. Sendo assim, é muito importante que haja interação entre educador e educando em prol do envolvimento deste com o conhecimento a ser transmitido, ou seja, há de se criar estratégias de envolvimento entre os sujeitos e o conhecimento a ser conduzido.

Algo que tem contribuído para a aprendizagem dos alfabetizandos é o uso das palavras geradoras, de acordo com o método de Paulo Freire. Tal método explora as palavras que existem na comunidade de cada sujeito, abordando a sua realidade, facilitando a compreensão e o interesse do aluno por consistir em palavras de que eles têm conhecimento e acesso. Segundo Schwartz e Correia (2008, p. 77);

A palavra geradora é extraída do universo vocabular da comunidade, conforme critérios de produtividade temática, fonêmica (uma palavra composta, preferencialmente, por três sílabas) e de teor de conscientização, e que, decomposta em sílabas, pela combinação das mesmas, gera outras palavras com significado.

A partir do momento em que o alfabetizador utiliza palavras do universo dos alfabetizandos, contribui para a aprendizagem deles, pois assim não fugirá do seu universo ou do seu contexto. Destarte, o educador será um facilitador do amadurecimento do conhecimento escolar do educando, buscando uma didática que favoreça as suas necessidades.

4.5 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA

Apesar dos alfabetizados não terem podido continuar a sua trajetória na escola, eles reconhecem a importância dela em sua vida. Até mesmo incentivam seus filhos e jovens em geral a permanecerem na instituição escolar pela necessidade e exigência de capacitação e formação para o mercado de trabalho. Pois a escola contribui não só para um futuro promissor, mas também para a vida de cada sujeito na sociedade da qual ele faz parte. Como afirma o entrevistado da pesquisa:

o conselho que dou é para os alunos não desistam de estudar, pois é a melhor coisa do mundo, e que sem estudo não somos ninguém. O mundo que vivemos hoje depende muito de estudarmos, porque se vai ficar difícil de encontramos um emprego melhor (informação verbal¹¹).

Desde bem cedo, as famílias que valorizam a escola fazem o seu melhor para colocarem suas crianças no espaço escolar, para que eles sejam sujeitos participativos na sociedade e, através de sua ação, poder contribuir para uma sociedade que buscamos ser mais democrática e participativa. Como afirma Medeiros (2005, p. 03):

[...] escola e famílias compartilham da tarefa de preparar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade, mas divergem nas de ensinar. A escola tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos pela humanidade e valorizados pela sociedade em um dado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e de legitimar uma ordem social.

A família dos educandos tem um papel muito importante na história deles, pois o que a família fala ou incentiva contribui para que tipo de adulto ele vai ser quando crescer, além de por que profissão ele optará. Ademais, dependendo de que visão os pais tenham sobre a escola, o aluno pode ter um olhar positivo ou negativo em relação à instituição escolar.

¹¹ Informações gravadas em áudio cedidas pelo Participante 1 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

4.6 RECOMENDAÇÕES PARA O PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Segundo os alfabetizandos, o PBA precisaria cumprir as promessas faladas no início do programa, que teria como objetivo um reforço positivo para que cada um deles tivesse mais ânimo para finalizar a etapa programada. Na visão deles, também seria necessário haver uma duração mais longa para cada etapa, para eles que não ficassem muito tempo sem estudar e assim perderem a motivação devido à demora do retorno às atividades do programa. Como afirma o Participante 1:

não tem muito o que falar, mas precisava cumprir o que falava sobre aumento de Bolsa Família, exame de vista, material escolar que eu não tinha, e precisava pra estar estudando (informação verbal¹²).

Porque começava uns tempos, depois não continuava, aí começava de novo. Não tinha tempo certo pra iniciar novamente, estudava uns meses e outros, não. Assim, ficamos sem ânimo para estudar de novo (informação verbal¹³).

Eu acho que precisava cumprir o que prometeram, como aumento na Bolsa Família, e as consultas de vista que falaram que iam fazer, mas não fizeram. Precisava também fornecer material escolar e merenda que não tinha (informação verbal¹⁴).

Precisa de mais organização. A escola que eu frequentava não é muito limpa; o prédio da escola precisava estar mais organizado, digo, a estrutura predial é muito danificada (informação verbal¹⁵).

Dessa forma, percebi na fala dos alfabetizandos, uma queixa do programa por falharem sua organização e fidelidade quanto ao acordo feito entre o programa e os alfabetizandos, deixando-os desmotivados. Embora o foco estivesse no domínio da leitura e da escrita, além de fazer com propriedade as quatro operações, é inegável que, devido à realidade difícil dos alfabetizandos, eles necessitam de um reforço positivo para a sua aprendizagem.

¹² Idem.

¹³ Informações gravadas em áudio cedidas pelo Participante 2 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

¹⁴ Informações gravadas em áudio cedidas pelo Participante 3 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

¹⁵ Informações gravadas em áudio cedidas pelo Participante 4 a Ivanildo Pereira Mariano em contexto de pesquisa. 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, a compreender a evasão escolar no Programa Brasil Alfabetizado (PBA) no município de Juazeirinho-PB. Sendo assim, buscamos identificar os tipos de evasão escolares mais comuns entre os alfabetizandos entrevistados e observar sua realidade para envolver-me nela. Para que o trabalho não se limitasse apenas a um registro bibliográfico, fiz entrevistas para poder expandir o conhecimento detectado.

Durante a pesquisa, assumi a responsabilidade de buscar respostas para as hipóteses levantadas em relação à evasão escolar. Destarte, posso afirmar que se necessita de bons alfabetizadores qualificados, com formações específicas para alfabetizar os educandos que vêm de realidades diversas do município de Juazeirinho para assim atender às suas necessidades e poder contribuir para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Percebemos que muitos alunos do sexo masculino se matricularam no programa de alfabetização, porém não iniciaram ou não concluíram a etapa programada.

O tipo de evasão mais comum deve-se a fatores como responsabilidades excessivas, trabalho, saúde fragilizada, tempo, cansaço físico, estar fora de faixa etária, que levam à exclusão, além de baixa autoestima e falta de motivação da parte do governo para que esses alunos continuem o processo de alfabetização.

Necessita-se de materiais adequados para os alfabetizadores e alfabetizandos, como também a valorização do trabalho do educador, para que ele tenha subsídios para atuar com qualidade e repensar as práticas curriculares. Segundo os alfabetizandos, o Programa Brasil Alfabetizado não cumpriu com sua responsabilidade de motivar os aprendizes. Com isso, eles perderam o estímulo para estar em aula, devido à carga que cada um leva. Sendo assim, o Governo Federal deve buscar uma política pública que valorize a Educação de Jovens e Adultos, com vistas a diminuir a evasão escolar que ainda é grande em nosso país.

Apesar da realidade difícil que tanto alfabetizadores como alfabetizandos enfrentam nas escolas onde atuam, como um espaço escolar não planejado para uma aula com qualidade, materiais insuficientes, má remuneração, formação em alfabetização limitada, ainda existem possibilidades de mudarmos o cenário da evasão escolar, por exigimos o direito à educação, que é um direito de todos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 37.
- BASEGIO, Leandro; MEDEIROS, Renato. Educação de Jovens e Adultos I. In: _____ .**A evasão escolar e a EJA**. Curitiba: Ibpx, 2009. p. 97-121.
- BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Marcia. **Português no ensino médio e formação do professor**: sobre o ensino médio e a formação de professores. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: MARRON Books, 1996.
- FRANZONI, Soraya. **As medidas de enfrentamento à exploração do trabalho infantil no Brasil**: forças em luta. Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=s1414-4982013000200010&lang=pt>>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- FREIRE, Paulo; NOGUERIRA, Adriano. **Que fazer teoria e prática em educação popular**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993. p. 62.
- FUNDAÇÃO CESGRANRIO. **Ensaio**: A avaliação e políticas públicas em educação. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-4036&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 abr. 2015.
- IRELAND, Timothy; BARREIROS, Débora; ARNAIZ, Pilar. **Tornar a educação inclusiva**. Brasília: UNESCO, 2009.
- MEDEIROS, Aline Morais. **A importância na escola**: a parceria escola-famílias em perspectiva. Ribeirão Preto/SP: [s.n.], 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/.php?script=sciarttext&pid=S0103863X2005000200011&Lang=PT>>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- MOLL, Jaqueline. **A alfabetização é possível, reinventando o ensinar e o aprender**: evasão, exclusão e repetência: transgressão à possibilidade do aprender. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- PARAÍBA. Governo da Paraíba. Secretaria de Estado da Educação; Gerência Executiva de Educação de Jovens e Adultos. **Plano Estadual de Alfabetização**: ler, entender e fazer. João Pessoa: Formação Inicial, 2013.
- PEDARLLI, Rozangêla; CERUTTI-RIZATTI, Mary. **Evasão escolar na educação de Jovens e adultos**: Problematizando o fenômeno com enfoque com cultura escrita. Florianópolis/SC: [s.n.], 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/script=sci_artet&pid=S198463982013200010&Lang=PT>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO NOVO. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2011/10/brasil-alfabetizado>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

RODRIGUES, David. **Inclusão e educação**: Doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006. p. 59-71.

SCHWARTZ, Onaide; CORREA, Olympio. **Alfabetização método sociolinguístico**: o método sociolinguístico de alfabetização: Consciência social, silábica e alfabética. São Paulo: Cortez, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento no Brasil**: Letramento e escolarização. São Paulo: Global, 2001. p. 90-111.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Identificação:

Nome:

Idade:

Estado civil: Solteiro () Casado () Outro:

Trabalha: Sim () Não () – Profissão/ocupação:

1 Escolarização:

Frequentou a escola quando criança? Sim () Não ().

Se afirmativo:

- a) Por quanto tempo?
- b) Porque parou de estudar?
- c) Quantas vezes desistiu de estudar?
- d) Quantos anos ficou sem estudar?

2 Sobre evasão

- a) Vimos na ficha de frequência do PBA que você deixou de ir à escola. O que o levou a sair da escola antes da etapa do PBA concluir?
- b) Quais as principais dificuldades enfrentadas por você para voltar a frequentar a escola?
- c) Você gosta das aulas? Considera que o que está ou estava sendo ensinado é proveitoso para a sua vida? Por quê?
- d) O que você acha que precisaria mudar/melhorar no Programa Brasil Alfabetizado para que os alunos não faltassem e/ou abandonassem a escola?